

**REFLEXÕES EM TORNO À ECLESIOLOGIA DE COMUNHÃO:  
DA “LUMEN GENTIUM” AO SÍNODO PARA A AMAZÔNIA**

Vanildo Luiz Zugno\*

**Resumo:** O objetivo do artigo é compreender o que significa e quais as implicações para uma “eclesiologia da comunhão”. O pano de fundo da reflexão são as crises ecológica, humanitária e eclesial em que vivemos. Como referência principal para a elaboração, o texto faz recurso à tradição do Concílio Vaticano II e à prática e magistério do Papa Francisco. Baseado nesta literatura, o artigo conclui que, para gerar e viver uma igreja de comunhão que responda às necessidades de reforma institucional e uma ação evangelizadora consequente, é preciso ir ao encontro e dialogar com o mundo de hoje em sua pluralidade e, simultaneamente, desenvolver estruturas sinodais que permitam a participação de todos os cristãos na vida e nos ministérios da Igreja.

**Palavras-chave:** Igreja. Comunhão. Papa Francisco. Sinodalidade. Ministérios.

**REFLECTIONS ON THE ECCLESIOLOGY OF COMMUNION:  
FROM “LUMEN GENTIUM” TO THE SYNOD FOR THE AMAZON**

**Abstract:** The aim of the article is to understand what does “ecclesiology of communion” means and what are its implications? This reflection is based on the ecological, humanitarian and ecclesial crisis in which we live. The tradition of the Second Vatican Council and the practice and teaching of Pope Francis are the main source for the development of this theme. Based on this literature, the article concludes that, to build a church that lives communion and responds to the needs of institutional reform and a consequent evangelizing action, it is necessary to meet and dialogue with the world of today in its plurality and, simultaneously, develop synodal structures that allow the participation of all Christians in the life and ministries of the Church.

**Keywords:** Church. Communion. Pope Francis. Synodality. Ministries.

---

\* Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (1997), Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (Porto Alegre, 1995), Mestre em Teologia pela *Université Catholique de Lyon* (França, 1998), Doutor em Teologia pelas Faculdades EST (São Leopoldo, 2016). Endereço eletrônico: [freivanildo@gmail.com](mailto:freivanildo@gmail.com)

## Introdução

O pensamento é bom quando está com os pés no chão. É a partir do lugar em que pisamos que as reflexões se tornam compreensíveis e significativas. E o chão que pisamos hoje é marcado pela divisão. Mais: por divisões que parecem se aprofundar e alargar cada vez mais. Cientes desta realidade, por ela iniciamos nossa reflexão sobre a Eclesiologia de Comunhão. E o fazemos com o auxílio da tradição do Vaticano II que chega a seu ponto crítico na proposta do Papa Francisco de uma Igreja toda ela sinodal. Inseridos nela, podemos vislumbrar pistas para a construção de um caminho de comunhão da Igreja com a sociedade e toda a criação e, ao mesmo tempo, viver, no interno da comunidade eclesial, uma experiência aberta e comungante com todos e todas.

### 1 A crise ecológica

A primeira e mais ampla divisão que enfrentamos é a ecológica. Os seres humanos nos afastam cada vez mais dos outros seres vivos que conosco compartilham o espaço Terra. E não apenas nos afastamos dos outros vivos. Também estamos esgotando os recursos que a natureza dispõe. Nossa capacidade de consumo passou do “ponto de não retorno” e já estamos consumindo mais recursos naturais do que o Planeta pode dispor (BOHEM, 2018). A água é um bom exemplo disso. Já estamos vivendo em um ambiente de *stresse hídrico*. Em poucos anos, milhões de pessoas perecerão por falta de água. E, claro, os primeiros a passar por isso, serão os pobres dos países pobres (UCHOA, 2019).

A atual pandemia da Covid19 é apenas o sintoma desta crise ecológica profunda. A vacina, o isolamento e as máscaras com certeza ajudarão a vencê-la. Mas, se não mudarmos o paradigma de falta de comunhão com as outras criaturas, outras e mais perigosas pandemias virão num futuro muito próximo (LAPOLA, 2020).

Na *Laudato Si* (LS), o Papa Francisco chama a humanidade a não mais pensar-se numa relação de afastamento e senhorio em relação às outras criaturas, mas a restabelecer com elas uma aproximação em irmandade e interdependência. O que acontece com a mais simples das criaturas, afeta a todas as outras, inclusive à humanidade porque “tudo está interligado” (LS 91).

## 2 A crise de humanidade

A Pandemia escancarou e acelerou a concentração mundial de riqueza. Os ricos ficaram mais ricos e os pobres ainda mais pobres. Basta ver os dados econômicos globais. E, no Brasil, o mais afetado pela crise sanitária, a concentração de renda foi sem igual em todo o mundo. Do início da pandemia em março de 2019 até a metade de 2020, enquanto o 10% dos brasileiros teve sua renda aumentada, os 40% sofreram uma significativa perda de renda. O índice de GINI que mede a desigualdade, subiu de 0.603 no 4º trimestre de 2019, para 0.610 no 1º trimestre de 2020 e, por fim, 0.640 no 2º trimestre de 2020 (DESIGUALDADE..., 2021). Mulheres e negros sofrem duplamente: como vítimas da pandemia e vítimas da pobreza (MARTINS, 2020).

Mas não é só na economia que as divisões se aceleram. A disputa militar, ideológica, comercial, industrial e tecnológica que dividiu o Ocidente nos tempos da Guerra Fria, hoje ganha um componente cultural com as tensões entre os Estados Unidos e a China, a nova potência emergente. São duas compreensões de mundo – a ocidental e a oriental – que se enfrentam pelo domínio global.

Nas periferias do mundo, 80 milhões de pessoas vagam em busca de um lugar, longe de sua terra natal, onde sobreviver. A maioria não busca e nem chega ao rico e opulento ocidente. Encontram abrigo em outros países pobres. Turquia, Paquistão e Uganda são os países que mais acolhem refugiados em seus territórios (PEDUZZI, 2019).

A onda de neofascismo que tomou conta do Ocidente nas últimas décadas e que se expressa em movimentos políticos populistas e governos autoritários, é apenas um sintoma da doença profunda de uma humanidade fragmentada e dominada pelos interesses das grandes corporações econômicas (FARIÑAS DULCE; D'AMBROSIO, 2021). O Papa Francisco, na *Fratelli Tutti* (FT), chama a atenção para a realidade de uma humanidade dividida, a nível global e dentro de cada país e região, e convida a resgatarmos a centralidade do amor fraterno, seja nas relações próximas como em escala universal (FT 6).

### 3 A crise da Igreja Católica

A Igreja Católica Romana vive uma das mais intensas crises dos últimos tempos. Talvez a maior desde a do séc. XVI que levou à fragmentação do cristianismo no Ocidente (FAGIOLLI, 2018). Crise que não teve início com a renúncia do Papa Bento XVI e a eleição do Papa Francisco que impulsionou o mundo católico em outra direção que a apontada durante o longo pontificado do Papa João Paulo II e o de seu sucessor. Estes tempos difíceis já se prenunciavam na série de turbulências que, desde a década de 1990, envolviam disputas pelo poder dentro da Igreja, escândalos financeiros e abusos sexuais (MARUJO, 2010).

Vista numa perspectiva não episódica, mas estrutural, a atual crise é fruto da “disputa de interpretações” em torno ao Concílio Vaticano II (CODINA, 2012). A nível mundial, a oposição ao Papa Francisco cada vez mais articulada (FARIA, 2019). No Brasil, a CF 2021 se tornou símbolo de uma divisão que vinha há muito tempo acontecendo (RIBEIRO, 2021).

O fundamentalismo católico em suas variadas manifestações, individuais, comunitárias, hierárquicas e midiáticas, é o sintoma de uma Igreja que quer sair do marasmo da longa noite das trevas pós-conciliares, mas não tem a coragem de sanar as feridas do passado e lançar-se na aventura de reconstruir suas para dar respostas às exigências dos novos tempos (KÜNG, 2012). Na *Evangelii Gaudium* (EG), o documento programático de seu pontificado, o Papa Francisco convida a Igreja a redescobrir a alegria de uma “Igreja em saída” para comunicar a boa nova aos pobres e sofredores do mundo (EG 20).

É no contexto da sindemia provocada pelo entrecruzamento destas três crises que somos convidados a pensar, seguindo as provocações do Papa Francisco, numa eclesiologia de comunhão (SINDEMIA, 2020).

### 4 Um Deus que é comunhão

O cristianismo tem um modo muito peculiar de dizer a Deus. Dizemos que Deus é único, mas não é uno. Cremos em um só Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Na *Unitatis Redintegratio*, o Concílio lembra que esta é a verdade que está no topo da “hierarquia das

verdades da fé” (UR 2). O Deus em quem acreditamos é ao mesmo tempo uno e trino. Ele é três pessoas de uma só substância. Ele é diversidade na unidade e unidade na diversidade.

Na Trindade, cada um – Pai, Filho e Espírito - é Ele mesmo sem deixar de estar em comunhão com os outros. E, ao mesmo tempo, cada um não é sem os outros e sem que os outros sejam Eles mesmos. A tal mistério de comunhão trinitária os santos padres chamaram de comunhão pericorética.

A hierarquização da Trindade, conhecida na linguagem tradicional da teologia como arianismo ou subordinacionismo – dizer que uma pessoa é mais importante ou menos importante que a outra – sempre foi considerada heresia, ou seja, uma meia verdade que, por falsear o ser de Deus, é um perigo grave para a fé. Ao pensar a realidade divina, é errado dizer que o Pai é maior que o Filho e o Espírito Santo e que estes últimos são submissos ao primeiro. Do mesmo modo, é um equívoco dizer que o Filho é maior que o Pai e o Espírito; assim como é afirmar que o Espírito é maior que o Pai e o Filho ou que um deles pode subsistir sem os outros.

Sendo Deus comunhão pericorética – unidade na diversidade – tudo o que dele provém e a Ele se destina, também participa, cada uma a seu modo, deste jeito divino de ser. A própria criação, em primeiro lugar, é fruto da natureza comunal de Deus. Ele cria o mundo e, nele, a humanidade, para ser o outro com o qual vive a comunhão. A criação não é um ato aleatório ou discricionário e muito menos um castigo de Deus. Ela é fruto de Seu amor e todas as criaturas são chamadas e destinadas a viver em comunhão em harmonia com Ele e entre si (BOFF, 1996, p. 11-85).

Nenhuma criatura, nem mesmo os humanos, pode se arrogar o direito de se pensar e agir como se fosse superior às outras. A compreensão hierarquizante das relações entre os humanos e destes sobre as outras criaturas levou ao “antropocentrismo despótico” e “desordenado” que está na base dos problemas ecológicas e sociais de nossa sociedade (LS 68-69; 118-119).

É preciso reconstruir o modo de os humanos nos pensarmos no mundo. E o ponto de partida, para os cristãos, consiste em voltar ao mais original da compreensão cristã da divindade, que é a Trindade: um Deus que é diversidade interligada. À luz das relações trinitárias que iluminam e inspiram o mundo, somos chamados a descobrir que assim como em Deus não há hierarquia, entre as criaturas, nenhum está acima da outra, mas “que tudo está

interligado”: o ambiental, o econômico, o social, o cultural, o cotidiano, o político e o intergeracional (LS 138-162).

## 5 A comunhão eclesial

Sendo a Igreja Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo, Sacramento de Salvação, Sinal e Instrumento do Reino, ela é chamada a ser imagem e semelhança de Deus, isto é, ser e criar comunhão em si, na humanidade e na relação com as outras criaturas.

Mas o que é “comunhão” na Igreja? Palavras podem ser ambíguas, ou seja, podem ser entendidas de forma diversa. No modo de compreender a Igreja, a palavra “comunhão” pode ser entendida de duas maneiras muito diferentes. A primeira, é a do Concílio Vaticano I com sua doutrina do primado universal e da infalibilidade papal (ZILLES, 1970, p. 151-168).

A Constituição *Pastor Aeternus*, nos cânones do Cap. 2, sobre “A perpetuidade do primado de S. Pedro nos Romanos Pontífices”, assim a define:

Se, pois, alguém disser que ao Romano Pontífice cabe apenas o ofício de inspeção ou direção, mas não o pleno e supremo poder de jurisdição sobre toda a Igreja, não só nas coisas referentes à fé e aos costumes, mas também nas que se referem à disciplina e ao governo da Igreja, difusa por todo o orbe; ou disser que ele só goza da parte principal deste supremo poder e não de toda a sua plenitude ou disser que este seu poder não é ordinário e imediato, quer sobre todas e cada uma das Igrejas, quer sobre todos e cada um dos pastores e fieis: seja anátema (DS 3064).

Dentro desta compreensão, estar em comunhão é submeter-se à autoridade do Papa e a todas as autoridades eclesiais que dele recebem o poder. A Igreja é compreendida como uma diocese de extensão universal com sede em Roma que comanda diretamente cada um dos bispos locais. Estes, por sua vez, comandam os párocos que comandam os fieis. Quem se afasta desta linha de comando ou dela dissente, está fora da comunhão universal. É uma compreensão vertical de comunhão.

O atual Código de Direito Canônico (can. 331-333) ainda guarda esta compreensão de comunhão. A nomeação dos bispos diocesanos pelo bispo de Roma (can. 337) e as visitas *ad limina* (can. 400) também são resquício deste modo de pensar ainda presentes na legislação católica romana.

O outro modo de compreender a comunhão é o que nasce do Concílio Vaticano II. E o faz da forma mais cristã possível, ou seja, buscando no jeito trinitário de ser de Deus a fundamentação para a eclesialidade. Segundo a *Lumen Gentium* (LG), “a Igreja toda aparece

como um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). O modo de ser e agir trinitário é resgatado pelo Concílio como paradigmático para pensar a vida em comunidade dos cristãos. Assim como Deus é Trindade, a comunidade de fé é chamada a espelhar esta realidade divina.

Depois de recuperar várias figuras da tradição patrística para falar da Igreja (LG 6), de superar o juridicismo através da imagem do “corpo místico de Cristo” (LG 7) e afastar a falsa oposição entre instituição humana e realidade espiritual (LG 8), o Concílio consagra a expressão “Povo de Deus” como a mais apropriada para falar da realidade eclesial (LG 9-17).

Pelo batismo, todos os fieis participam do sacerdócio universal nas suas três dimensões: cultural, régia e profética. A relação com o sacerdócio ministerial ou hierárquico não é de submissão, mas de reciprocidade: um existe para o outro e não é sem o outro (LG 10). Para prevenir qualquer tentação de um retorno à hierarquização, depois de descrever os diversos ministérios na Igreja, o Concílio lembra: “Ainda que, por vontade de Cristo, alguns são constituídos doutores, dispensadores dos mistérios e pastores em favor dos demais, *reina, porém, igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à atuação, comum a todos os fiéis, em favor da edificação do corpo de Cristo*” (LG 32. Grifo nosso.).

## 6 Caminhando na noite escura

Bem constata o profeta Oseias de que os caminhos do Senhor são retos, mas os da humanidade nem sempre o são (Os 14,9). Enquanto humana e vivendo no mundo, a Igreja nem sempre segue os caminhos do Senhor e, muitas vezes, teima em marchar em sentido contrário ao indicado por seu criador.

Chamados a ser e criar comunhão, muitas vezes teimamos em viver no velho estilo hierarquizante. Não é fácil, depois de séculos dentro de uma forma, desfazer-se dela e reconfigurar-se para viver os novos tempos que a Palavra de Deus e a realidade humana exigem. Diante da insegurança, é sempre tentador voltar ao que era conhecido.

O pós-concílio Vaticano II foi um tempo de inovações eclesiológicas dos mais variados quilates. Apenas para citar dois exemplos, podemos lembrar da Renovação Carismática Católica e das Comunidades Eclesiais de Base. Cada uma, a seu modo, constituíram uma novidade na medida em que deixavam de lado o tradicional sistema hierárquico e se articulavam a partir dos carismas leigos e não do poder hierárquico.

Tanto uma como outra sofreram as agruras de tentar construir uma nova eclesialidade a partir de outros paradigmas que não o hierarcológico (BOFF, 2000, p. 36-53). O rumoroso caso em torno ao livro “Igreja, Carisma e Poder” de Leonardo Boff (1981) é tão simbólico quanto o Documento 53 da CNBB com as “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica” (1994).

Durante os pontificados de João Paulo II e Bento XVI, na Igreja Católica Romana, viveu-se aquilo que João Batista Libânio descreveu como “a volta à grande disciplina” (LIB NIO, 1984). O ponto central desta nova política eclesiástica é a rigidez doutrinal e jurídica: há uma verdade a ser defendida e a hierarquia é responsável por manter os fiéis afastados dos erros. Comunhão de doutrina e comunhão de autoridade. Qualquer questionamento nestes dois campos estruturantes é visto como possibilidade de ruptura da comunhão eclesial.

A centralização da vida na Igreja no Papa e na sua extensão pessoal, a Cúria Romana, chegou a tal ponto que as Conferências Episcopais tiveram a sua natureza teológica e jurídica questionadas (JOÃO PAULO II, 1998). Nesse modelo de Igreja, as novas agrupações católicas – *Opus Dei*, Legionários de Cristo, *Militia Christi*, *Comunione e Liberazione*, *Sodalitium Christianae Vitae* – de caráter marcadamente dogmático, centralizador e articulado com os grupos dominantes na sociedade, são apresentadas como o ideal a ser seguido (LIB NIO, 1999).

A “restauração identitária” (OLIVEIRA, 2017) construída durante os papados de João Paulo II e Bento XVI que teve como instrumentos principais a nomeação de bispos alinhados a essa orientação centralizadora para as dioceses mais importantes, a adoção do Código de Direito Canônico, reformado pela Cúria, como norma pastoral para todas as dioceses, a adoção do Catecismo da Igreja como norma doutrinal, o retorno do modelo de seminário exclusivo para a formação do clero, normas litúrgicas para coibir inovações posteriores ao Concílio e apoio a Movimentos Religiosos de santificação pessoal, teve variadas consequências no corpo eclesial.

Os grupos que se identificaram com essa proposta, passaram a viver uma “comunhão seletiva” de corte sectário. Eles se consideram os verdadeiros católicos e excluem da vivência eclesial os que não se adequam a essa proposta.

Por parte dos grupos progressistas que queriam implementar as propostas eclesiológicas do Vaticano II, houve uma generalizada “desafeição eclesial”. Eles não renunciaram à fé e nem deixaram de se considerar católicos. Apenas deixaram de empenhar-

se por uma transformação da Igreja e passaram a dedicar suas forças e recursos na transformação da sociedade para nelas semear sinais do Reino de Deus.

Aqueles e aquelas que, marcados pelo individualismo exacerbado da pós-modernidade, busca uma experiência de fé unicamente pessoal, construíram o que poderíamos chamar de “*selfie*-comunhão”: “eu estou em comunhão comigo mesmo e não me importa o que a Igreja pensa e o que Deus quer de mim”. O Documento de Aparecida (DAp), quando fala de “uma fé católica reduzida a conhecimento, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados, não resistiria aos embates do tempo” (DAp 12), faz referência a este modo de pensar que dispensa a comunhão com os outros ou com Deus.

## 7 Saídas que possibilitam comunhão

Em seu primeiro e programático documento, O Papa Francisco propõe uma nova prioridade. Diferentemente de João Paulo II e Bento XVI que tinham a verdade e a autoridade como eixos estruturantes do ser eclesial, o Papa Francisco quer uma Igreja centrada na missão, uma “Igreja em saída” (EG 20-23). E, digamos desde o início, a saída não é para trazer as pessoas para dentro da Igreja, mas para servi-las em suas necessidades. Ir ao encontro do outro não tem como objetivo convertê-lo em cristão e católico, mas para que a Igreja seja transformada pela presença de quem é diferente.

É na saída para o encontro com o outro que se constrói a possibilidade da verdadeira comunhão, como a descreve poeticamente o Papa:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos (EG 87).

Na qualidade de líder religioso, o Papa Francisco mostra, na prática, a necessidade de sair para encontrar-se com o diferente. Dentre os inúmeros gestos de ir ao encontro, lembramos apenas a participação na celebração dos 500 Anos da Reforma Protestante (PAPA..., 2016), do encontro com a principal liderança do Islã sunita, o grande imã de Al-Azhar, sheik Ahmed al-Tayyeb, com o qual assinou o Documento sobre a fraternidade humana (O'CONNEL, 2021) e a ida ao Iraque para dialogar, em Najaf, com o Aiatolá Al-Sistani, principal liderança do xiismo (ERPEN, 2021).

Tal movimento de saída e encontro com o diferente para, com ele, construir comunhão, só é possível quando tivermos a capacidade de “superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual” (EG 88). É preciso ter a coragem de “abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimento e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado” (EG 88).

O Documento Final do Sínodo para a Amazônia (DF) afirma que a tão necessária conversão da Igreja acontecerá através da saída missionária. A Igreja será samaritana, misericordiosa e solidária ao sair de si mesma e colocar-se em diálogo ecumênico, inter-religioso e cultural, servindo e acompanhando os povos amazônicos - indígenas, camponeses, afrodescendentes, migrantes, jovens, moradores das cidades – para comungar com eles as dores, esperanças e alegrias (DF 20-38).

Na *Querida Amazonia* (QA), o Papa retoma o tema e, ao desenhar seus três “sonhos” para aquela região – ecológico, cultural e social – convida a igreja a ir ao encontro do bioma Amazônico (Cap. III), das culturas amazônicas (Cap. II) e dos povos indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos, os migrantes, as juventudes, as mulheres, de todos os empobrecidos (Cap. I).

## **8 A comunhão como modo de ser**

Para agir no mundo como instrumento da comunhão trinitária, a Igreja é chamada a ser sinal deste modo pericorético de existir. A autenticidade da ação e da pregação se mede pela exemplaridade na própria composição. Na prática, significa passar da autorreferencialidade à missionariedade e da verticalidade à circularidade.

No entanto, mudanças de paradigma não se fazem e não se consolidam de um dia para outro. Nem de um ano para outro. São necessárias décadas. E, numa instituição tão antiga e tão ampla como a Igreja Católica Romana, séculos. Trata-se não apenas de mudar opções pessoais, mas mudar estruturas que, ao longo dos séculos, forjaram identidades católicas e estão de tal modo consolidadas no imaginário que, para alguns, parecem confundir-se com o próprio ser católico (KÜNG, 1986).

O Concílio Vaticano II provocou mudanças estruturais na Igreja Católica que, se por um lado foram a resposta para os que desejavam uma Igreja *aggiornata*, por outro, desgostaram profundamente aos que se sentiam inseguros diante dos novos caminhos a seguir. Como já mencionamos acima, as mudanças impulsionadas pelo movimento conciliar, apesar do entusiasmo despertado no início, arrefeceram sob Paulo VI e entraram em ritmo de espera – em, em alguns casos, de franco retrocesso – nos de João Paulo II e Bento XVI. Mas, em tempos de crise, as forças em tensão nunca são absolutamente hegemônicas e as contradições emergem quando menos se espera. Foi assim, por exemplo, com a temática das mudanças estruturais necessárias para uma Igreja no século XXI. No Documento Final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, ainda no papado de Bento XVI, o tema das mudanças estruturais reapareceu de forma contundente.

O Papa Francisco, ao apresentar sua “proposta de ação” na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, retoma o Vaticano II e a necessidade de mudanças estruturais a fim de que toda a Igreja se torne evangelizadora (n. 26-27). Entre as estruturas necessitadas de conversão pastoral são nomeadas as paróquias (n. 28), as comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e associações (n. 29), a igreja local (n. 30-31) e o papado (n. 32).

No mesmo ano de 2014, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), através do documento “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia” (CNBB, 2014), quis pôr em prática as orientações do Documento de Aparecida e do Papa Francisco numa das estruturas básicas da Igreja Católica que é a paróquia. A intenção era de “aplicar a eclesiologia proposta pelo Concílio Vaticano II” (n. 12). As múltiplas referências à *Lumen Gentium* e à *Gaudium et Spes*, demonstram que a renovação das estruturas eclesiais está ligada à Eclesiologia do Vaticano II.

Mas, não há melhor teoria do que uma boa prática. Se as palavras comovem, o exemplo arrasta. E o Papa Francisco, já no início de seu pontificado, mostrou o caminho a ser seguido com a criação do Conselho de Cardeais para “ajudar no governo da Igreja Universal”

(FRANCISCO, 2013). A composição do Conselho, alterada ao longo do pontificado, manteve figurativamente a intenção de representar a catolicidade da Igreja, ou seja a sua universalidade e, ao mesmo tempo, a pluralidade geográfica e cultural da Igreja Católica. A promulgação da Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*, que promoverá a reforma do governo da Igreja numa perspectiva universal, apesar de muitos avanços em sua elaboração, tem encontrado muitos obstáculos e está sendo preocupantemente adiada. E o motivo de tal postergação é o modo de exercer o governo na Igreja: monocrático ou sinodal (MENOR, 2021). Em outras palavras, é a velha disputa entre a eclesiologia do Vaticano I e a do Vaticano II.

A demora da tão esperada *Praedicate Evangelium* não impede que um novo modo de pensar o modo de ser Igreja na perspectiva de comunhão seja posto em prática. A *Lumen Gentium* já indicava o caminho e o Novo Código de Direito Canônico previu instâncias colegiadas de governo (Can. 334), entre elas, o Sínodo dos Bispos (Can. 342-348) e os Sínodos Diocesanos (Can. 460-468). Mas foi no processo do Sínodo para a Amazônia que a possibilidade de uma Igreja de comunhão foi ensaiada e praticada de forma consciente.

Com efeito, o Sínodo para a Amazônia primou, do início ao fim, por ser um processo eminentemente auscultatório e participativo. Mais do que dizer coisas sobre a Amazônia e os povos que nela habitam, o processo sinodal escutou as comunidades e, com elas, discerniu as melhores formas para fazer com que a Boa Nova do Evangelho chegue às pessoas em suas diferentes situações e ao grande bioma amazônico com todos os seres que nele vivem. E nisso estava o grande passo inovador no conteúdo do Sínodo: configurar uma Igreja à imagem e semelhança do bioma amazônico e dos humanos que nele habitam: uma igreja em que “tudo está estreitamente interligado” (LS 16) e “tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas...” (LS 92). Como sinalizou o Documento Final, tal configuração inicia com uma “conversão integral” que abre o caminho para as outras conversões: pastoral, ecológica, cultural e sinodal.

Nunca é demais insistir: sínodos, como o realizado para a Amazônia, são eventos importantes. São uma preciosa expressão de sinodalidade. Mas é preciso ir além. O grande desafio é construir “uma Igreja toda ela sinodal”, como indica o Documento Final:

A sinodalidade missionária de todo o Povo de Deus à luz do Espírito Santo indica o caminho que os membros do povo de Deus percorrem juntos; povo de Deus, na igualdade e na dignidade comum diante da diversidade de ministérios, carismas e serviços. Ela indica o modo específico de viver e agir (*modus vivendi et operandi*) da Igreja do Povo de Deus, que manifesta e realiza de maneira concreta seu ser “comunhão”, no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e na participação ativa de todos os seus membros em sua ação evangelizadora, isto é, na corresponsabilidade e participação de todo o povo de Deus na vida e missão da Igreja (DF 87).

Para quem deseja trilhar os caminhos de renovação do Vaticano II e o apelo à reforma da Igreja proposto pelo Papa Francisco, a sinodalidade não é uma opção. Ela é uma dimensão constitutiva da Igreja e realiza o concreto exercício do *sensus fidei*, como já o havia indicado a *Lumen Gentium* (LG 12).

O caminho não é fácil. Para trilhá-lo, “é necessário fortalecer uma cultura de diálogo, de escuta recíproca, de discernimento espiritual, de consenso e comunhão para encontrar espaços e caminhos de decisão conjunta e responder aos desafios pastorais” (DF 88). Na vida interna da Igreja, o grande desafio para a comunhão é o clericalismo e suas imposições arbitrárias.

Para superá-lo, há duas vias. A primeira indicada pela assembleia sinodal, passa pela **criação de estruturas sinodais** – em todos os níveis da Igreja - onde todos os batizados e batizadas, respeitados na igual dignidade recebida no batismo, vivam a complementariedade de carismas e ministérios. O ponto de partida é a Igreja local, em cada região e país, que é chamada a uma conversão sinodal que permita a comunhão e participação de todos os seus membros (DF 91).

A prática sinodal que possibilita a comunhão eclesial, pode ir além do nível local. A Conferência Eclesial da Amazônia, criada em 29 de junho de 2020, é um fruto concreto deste modo de viver a comunhão que vai além da representatividade eclesial e institucional e abarca todos os membros da Igreja: leigos, leigas, religiosos, religiosas e clérigos (JOSÉ, 2020).

Este não é um desafio para apenas para a Igreja na Amazônia. Ele é válido para todas as igrejas locais em todo o mundo. A Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe, na continuidade do proposto pelo Documento de Aparecida, de um Igreja em que “Somos todos discípulos missionários em saída”, também aspira a concretizar este novo modo de comunhão ao envolver no processo de escuta e realização, os mais variados segmentos eclesiais (FRANCISCO, 2021).

A experiência primeira do Sínodo para a Amazônia e da Assembleia Eclesial para a América Latina e o Caribe ganharão dimensão universal na XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, convocada pelo Papa Francisco para o mês de outubro de 2021. Na ocasião, será aberto um processo sinodal de três anos que perpassará todos os níveis da Igreja – Igrejas particulares, Províncias, Regiões Eclesiásticas, Conferências Episcopais e, por último, a Igreja universal – no objetivo de que se torne “expressão da colegialidade episcopal dentro duma Igreja toda sinodal” (EM 2022..., 2020).

A segunda via para uma Igreja de comunhão, é a **renovação dos ministérios**, tanto dos já existentes como com novos a criar.

O *Instrumentum Laboris* (IL) apresentava a proposta de “ordenação sacerdotal de pessoas idosas, de preferência indígenas, respeitadas e reconhecidas por sua comunidade” e o pedido para que “se identifique o tipo de ministério oficial que pode ser conferido à mulher” (IL 129).

As discussões no Sínodo e no entorno sinodal sobre o tema foram ásperas e muitas vezes agressivos. De um lado, aqueles e aquelas que consideravam tal passo necessário para que a Igreja possa dar uma resposta efetiva à realidade amazônica; de outro, aqueles que consideravam tal ousadia uma verdadeira heresia. Na disputa, alguns esgrimiam argumentos históricos e teológicos. Outros, apenas desnudavam seus preconceitos machistas e misóginos (MAGISTER, 2019; CARDEAL BRANDMULLER..., 2019).

O Documento Final, sem mencionar explicitamente a possibilidade do acesso das mulheres aos ministérios ordenados, coloca como ponto de referência uma base ainda mais radical: “É urgente que se promovam e se confirmem ministérios para homens e mulheres de maneira equitativa para a Igreja na Amazônia” (DF 95. Grifo nosso). A base teológica que sustenta tal pedido é o sacramento do batismo, comum a todos os cristãos: “É a Igreja de homens e mulheres batizados que devemos consolidar, promovendo a ministerialidade e, sobretudo, a consciência da dignidade batismal” (DF 95).

Fazendo referência a pronunciamentos dos Papas Francisco (DF 99) e Paulo VI (DF 100) que ressaltam a presença e papel das mulheres na Igreja e na sociedade e “a sabedoria dos povos ancestrais afirma que a mãe terra tem rosto feminino” (n. 101), o Documento Final “pede que a voz das mulheres seja ouvida, que elas sejam consultadas e participem das decisões e, assim, possam contribuir com sua sensibilidade à sinodalidade eclesial” e que a Igreja “assuma em seu seio com maior força a liderança das mulheres, e que as reconheça e

promova, fortalecendo sua participação nos conselhos pastorais das paróquias e dioceses, inclusive nas instâncias de governo (DF 101). Reconhecendo “a ministerialidade que Jesus reservou para as mulheres”, a Assembleia insiste na formação das mulheres e no acesso aos ministérios do Leitorado, Acolitado e do Diaconato (DF 102-103).

Na Exortação Pós-Sinodal, mesmo ressaltando a importância das mulheres para a manutenção das comunidades e a transmissão da fé (QA 99), com o argumento de que “Jesus Cristo apresenta-Se como Esposo da comunidade que celebra a Eucaristia, através da figura de um varão que a ela preside como sinal do único Sacerdote” (QA 101), o acesso aos ministérios ordenados é negado às mulheres (QA 103).

O Papa Francisco convida a “alargar o horizonte para evitar reduzir a compreensão da Igreja a meras estruturas funcionais. Este reducionismo levaria a pensar que só se daria às mulheres um *status* e uma participação maior na Igreja se lhes fosse concedido acesso à Ordem sacra” que teria como consequência “clericalizar as mulheres, [e] diminuiria o grande valor do que elas já deram e subtilmente causaria um empobrecimento da sua contribuição indispensável” (QA 100). Para o Papa Francisco, possibilitar o acesso de mulheres aos ministérios ordenados levaria a “fechar-nos em concepções parciais sobre o poder na Igreja” (QA 101).

Se, por um lado, o argumento de fundo é consistente e convincente – não convém integrar as mulheres em uma estrutura clericalista de poder -, por outro, não é apresentada nenhuma alternativa para a superação do clericalismo, uma das “maiores deformações que a América Latina deve enfrentar” que “não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo” e que tem como consequência a “instrumentalização do laicado, tratando-o como ‘tarefeiro’, limita as diversas iniciativas e esforços e, ousaria dizer, as audácias necessárias para poder anunciar a Boa Nova do Evangelho em todos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política” (FRANCISCO, 2020).

Um primeiro passo para a superação institucional do clericalismo foi dado em 10 de janeiro de 2021 quando o Papa Francisco, em um *Motu Proprio* em que faz referência ao encaminhado no Sínodo para a Amazônia, alterou o Código de Direito Canônico (Can 230 § 1) e reconheceu às mulheres o exercício dos ministérios de acólitas e leitoras (FRANCISCO, 2021). Os ministérios ordenados – diaconato, presbiterato e episcopado – continuam

reservados aos homens. Com tal restrição, mais da metade dos membros da Igreja Católica Romana ficam privadas da plena comunhão eclesial.

### Considerações finais

“O Caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio” nos diz o Papa Francisco (FRANCISCO, 2015). Não há possibilidade de comunhão eclesial fora dele. A eclesiologia do Povo de Deus do Concílio Vaticano II ressalta a comum dignidade e missão de todos os batizados. Nela, “o conceito de comunhão exprime a substância profunda do mistério e da missão da Igreja, que tem na reunião eucarística a sua fonte e o seu cume” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018).

Comunhão intraeclesial que, seguindo o modo de ser trinitário, não fica fechada em si mesma, se desborda e sai em busca do outro para amar. Na *Laudato Si*, invocando o “modelo belo e motivador” de São Francisco de Assis, o Papa convida ao “cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade” que une “uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados” (LS 10).

O santo de Assis, apresentado como modelo para a Igreja,

era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia [a] com Deus, [b] com os outros, [c] com a natureza e [d] consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis [a] a preocupação pela natureza, [b] a justiça para com os pobres, [c] o compromisso na sociedade e [d] a paz interior (LS 10. Destaques nossos).

Ir ao encontro das necessidades da criação ferida pela ganância e insensibilidade humana, com o demonstrou o Papa na *Laudato Si*; ir ao encontro das famílias fragilizadas e marginalizadas por uma prática pastoral e um discurso teológico irreal, moralista e legalista, como nos ensina a *Amoris Laetitia*; ir ao encontro dos jovens esquecidos e instrumentalizados pela sociedade de consumo e por uma Igreja gerontocrática, como provoca o Papa Francisco na *Christus Vivit*; ir ao encontro dos trabalhadores e grupos sociais marginalizados pelos processos econômicos e, com eles, lutar por “teto, terra e trabalho”, como o fez o Papa nos encontros com os movimentos populares (FRANCISCO, 2017); ir ao encontro dos grupos sociais e os povos excluídos da vida política e com eles construir a amizade social e a fraternidade universal, como quer o Papa na *Fratelli Tutti*; ir ao encontro dos membros da Igreja que foram dela afastados por “uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá

lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar” (EG 88), esse é o caminho que torna possível a comunhão capaz de contribuir na superação da crise ambiental, da crise de humanidade e da crise eclesial que compõem a atual pandemia.

## Referências

AMAZÔNIA: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. *Instrumentum Laboris*. Disponível em: <http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>. Acesso em: 12 ago. 2020.

AMAZÔNIA: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral. Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Documento Final. Roma, 2019. Disponível em: <http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>. Acesso em: 26 jun. 2021.

BOFF, Clodovis. Carismáticos e libertadores na igreja. **REB**, v. 60, fasc. 237, p. 36-53, 2000.

BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOHEM, Camila. Consumo de recursos naturais superou o que o mundo pode renovar no ano. **Agência Brasil**, São Paulo, 01 ago. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/consumo-de-recursos-naturais-superou-que-o-planeta-pode-renovar-no-ano>. Acesso em: 21 jun. 2021.

CARDEAL BRANDUMÜLLER critica *Instrumentum Laboris* de Sínodo para Amazônia. **ACIDigital**, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/cardeal-brandmuller-critica-instrumentum-laboris-de-sinodo-para-amazonia-69272>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 maio 2007. São Paulo: Paulinas/Paulus/CNBB, 2007.

CNBB. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. A conversão pastoral da Paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014.

CNBB. **Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica**. São Paulo: Paulinas, 1994.

CODINA, Victor. El Vaticano II en medio del conflicto de interpretaciones. **Pistis e práxis**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 504-515, jul./dez. 2012.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja**. Roma, 02 mar. 2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20180302\\_sinodalita\\_po.html#\\_ednref12](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#_ednref12). Acesso em: 26 jun. 2018.

COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo, Paulinas: Loyola, 2007.

DESIGUALDADE social cresce nas metrópoles brasileiras durante a pandemia. Disponível em: <https://www.pucrs.br/blog/desigualdade-social-cresce-nas-metropoles-brasileiras-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

EM 2022, sínodo dos bispos sobre igreja e sinodalidade. **Vatican Newsn**, 07 mar. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/em-2022-sinodo-bispos-igreja-sinodalidade.html>. Acesso em: 26 jun. 2021.

ERPEN, Jackson. Em Najaf, o histórico encontro do Papa com o Grande Aiatolá Al-Sistani. **Vatican News**, 05 mar. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-03/papa-francisco-iraque-encontro-aiatola-al-sistani-najaf.html>. Acesso em: 26 jun. 2021.

FAGIOLLI, Massimo. A maior crise da Igreja Católica desde a Reforma. **Revista IHU On-Line**. 16 out. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583736-a-maior-crise-da-igreja-catolica-desde-a-reforma-artigo-de-massimo-faggioli>. Acesso em: 17 dez. 2018.

FARIA, Natália. A Igreja enfrenta realmente o risco de um cisma? **O Público**, Lisboa, 6 out. 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/10/06/mundo/noticia/igreja-enfrenta-realmente-risco-cisma-1888872>. Acesso em: 19 jun. 2021.

FARIÑAS DULCE, Maria José; D'AMBROSIO, Marcelo José Ferlin. O neofascismo capitalista e a derrota da democracia. **Estado de Direito**, 1 abr. 2021. Disponível em: <http://estadodedireito.com.br/o-neofascismo-capitalista-e-a-derrota-da-democracia/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Amoris Laetitia**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família. Roma, 19 mar. 2016. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Carta ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina.** Roma, 19 mar. 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco\\_20160319\\_pont-comm-america-latina.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html). Acesso em: 13 ago. 2020.

FRANCISCO, Papa. **Carta ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé sobre o acesso das Mulheres aos Ministérios do Leitorado e do Acolitado.** Roma, 10 jan. 2021. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/papa-francesco\\_20210110\\_lettera-donne-lettorato-accolitato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/papa-francesco_20210110_lettera-donne-lettorato-accolitato.html). Acesso em: 26 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit.** Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. Loreto, 25 mar. 2019. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Discurso por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos.** Roma, 17 out. 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html). Acesso em: 26 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium.** Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no Mundo atual. Roma, 24 nov. 2013. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti.** Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Roma, 04 out. 2020. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si.** Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comu.. Roma, 24 maio 2015. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem aos participantes no encontro dos Movimentos Populares realizado em Modesto, Califórnia.** Vaticano, 10 fev. 2017. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20170210\\_movimenti-popolari-modesto.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170210_movimenti-popolari-modesto.html). Acesso em: 26 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião da apresentação da primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe.** Cidade do México, 24 jan. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-06/criada-a-conferencia-elesial-da-amazonica.html>. Acesso em: 26 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Querida Amazonia.** Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao Povo de Deus e todas as Pessoas de Boa Vontade. Brasília: CNBB, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Quirógrafo do Papa Francisco para a instituição de um conselho de Cardeais para ajudar o Santo Padre no governo da Igreja Universal e para a revisão da Constituição Apostólica “Pastor Bonus” sobre a Cúria Romana.** Roma, 28 set. 2013. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2013/documents/papa-francesco\\_20130928\\_chirografo-consiglio-cardinali.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2013/documents/papa-francesco_20130928_chirografo-consiglio-cardinali.html). Acesso em: 05 mar. 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. **Apostolos Suos.** Carta Apostólica sob forma de “*Motu Proprio*” acerca da natureza teológica e jurídica das Conferências dos Bispos. Roma, 21 maio 1998. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul->

ii/pt/motu\_proprio/documents/hf\_jp-ii\_motu-proprio\_22071998\_apostolos-suos.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. **Código de Direito Canônico**. Roma, 1983. São Paulo: Loyola, 1983.

JOSÉ, Silvonei. Criada a Conferência Eclesial da Amazônia. **Vatican News**, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-06/criada-a-conferencia-ecclesial-da-amazonica.html>. Acesso em: 26 jun. 2021.

KÜNG, Hans. **A Igreja tem salvação?** São Paulo: Paulus, 2012.

KÜNG, Hans. **Cambios de modelo de Iglesia en la marcha del pueblo de Dios**. Relat, 1986. Disponível em: <http://servicioskoinonia.org/relat/265.htm>. Acesso em: 14 jul. 2018.

LAPOLA, David M. Futuras pandemias poderão começar no Brasil. **Folha de São Paulo**, 6 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2020/05/futuras-pandemias-poderao-comecar-no-brasil.shtml>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LIB NIO, João Batista. **A volta à grande disciplina**: reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da igreja. São Paulo: Loyola, 1984.

LIBANIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

MAGISTER, Sandro. Cardeal Gerhard Müller acusa: este Sínodo expulsou Jesus. **IHU Online**, 08 out. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593276-cardeal-gerhard-mueller-acusa-este-sinodo-expulsou-jesus>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MARTINS, Pedro. Desigualdade racial: por que negros morrem mais que brancos na pandemia? **ABRASCO**, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/desigualdade-racial-por-que-negros-morrem-mais-que-brancos-na-pandemia/49455/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MARUJO, Antônio. A maior crise da Igreja Católica nos últimos 100 anos. **Público**, 27 mar. 2010. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/03/27/mundo/noticia/a-maior-crise-da-igreja-catolica-dos-ultimos-100-anos-1429760>. Acesso em: 17 dez. 2018.

MENOR, Darío. El último escollo para aprobar la constitución apostólica: la Curia, al servicio del Papa o de la Iglesia? **Vida Nueva Digital**, 05 mar. 2021. Disponível em: <https://www.vidanuevadigital.com/2021/03/05/el-ultimo-escollo-para-aprobar-la-constitucion-apostolica-la-curia-al-servicio-del-papa-o-de-la-iglesia/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

O'CONNEL, Gerard. Como Papa e Grande Ima revolucionaram as relações católico-muçulmanas. **Dom total**, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1511415/2021/04/como-papa-e-grande-ima-revolucionaram-as-relacoes-catolico-muculmanas/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

OLIVERIA, Pedro Ribeiro de. A perda de capilaridade social e a desafeição dos católicos. Desafios da Igreja no Brasil em tempos de Papa Francisco. **IHU Online**, 21 abr. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/eventos/159-entrevistas/566817-cebs-e-pastorais-sociais-sao-os-setores-afinados-com-a-proposta-de-uma-igreja-em-saida-entrevista-especial-com-pedro-ribeiro-de-oliveira>. Acesso em: 22 jun. 2021.

PAPA participa de celebração da Reforma Protestante. **DeutscheWelle**, 31 out. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/papa-participa-de-celebra%C3%A7%C3%A3o-da-reforma-protestante/a-36215048>. Acesso em: 26 jun. 2021.

PEDUZZI, Pedro. Brasil já reconheceu mais de 11 mil refugiados até 2018, diz Conare. **Agência Brasil**, 25 jul. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-07/brasil-ja-reconheceu-mais-de-11-mil-refugiados-ate-2018-diz-conare>. Acesso em: 19 jun. 2021.

RIBEIRO, Weudson. Grupos católicos fazem atos contra Campanha da Fraternidade nas redes sociais. **Poder360**, 14 fev. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/grupos-catolicos-fazem-atos-contracampanha-da-fraternidade-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SINDEMIA: por que você deveria conhecer esse conceito. **ECycle**, 21 out. 2020. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/sindemia/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

UCHOA, Pablo. Os países em que a água já é um recurso em falta. **BBC News**, 6 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49243195>. Acesso em: 19 jun. 2021.

ZILLES, Urbano. O Concílio Vaticano I: a Igreja e o Primado do Papa. Tentativa de uma interpretação histórico-teológica. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 151-168, 1970.